

As Excluídas Tornam-se Preferidas

"Os publicanos e as meretrizes vos precederão no Reino dos céus" (Mt 21,31)

Ir. Olímpia Gaio FAP - Lages

"...e a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais.

Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros das esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, desta vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz..." (Ferreira GULLAR)

Incio esta reflexão com muitas inquietações. Pergunto-me: escrever, ler, discutir sobre os excluídos, que valor terá para os próprios excluídos? Que enriquecimento trará para os leitores(as), os(as) agentes de pastoral, para a própria Igreja e a sociedade?

Uma Campanha, mesmo com um tema tão importante, poderá simplesmente servir de "descarga", ou desencargo de consciência: estamos fazendo a nossa parte... E você, que se propõe à presente leitura, como se situa? É alguém excluído(a)? É alguém que está com eles(as)? Ou simplesmente é um admirador-desfrutador do tema?

Meu propósito não é sabatinar ninguém. Quero somente trazer alguns questionamentos - começando por mim mesma - contextualizando a PMM, isto é, a **Pastoral da Mulher Marginalizada**. Reconheço de imediato que *elas tomarão o nosso lugar no Reino...* Nesta perspectiva, os papéis se invertem. *Nelas e com elas está a solução, nelas encontramos as respostas.* Sim, porque os poderosos pensam que têm todas as respostas. Mas não às perguntas que os oprimidos estão formulando.

"Eles não têm resposta para os milhões de mortos na guerra, para o genocídio em Sri Lanka e na antiga Jugoslávia; para a violação de mulheres na guerra, para o genocídio de mulheres; não têm respostas para as vítimas dos dilemas da tecnologia (...); eles não têm resposta (...) para Hiroshima e Chernobyl; não têm resposta para os 45 milhões de crianças trabalhadoras na Índia; não têm respostas para as crianças torturadas nos cárceres de todo o mundo; não têm respostas para as crianças famintas da Etiópia; não têm respostas para as crianças mortas e enterradas em caixas de papelão..." (*"As mulheres e a construção dos Direitos Humanos"*)

Pelo fato de percebermos as mulheres prostituídas como seres humanos, cidadãs, trabalhadoras e mães, por isso é que organizamos a PMM (1). Quando as pessoas são desprezadas, condenadas, discriminadas, emudecem e passam a viver no anonimato, silenciadas. É o caso de milhares de prostitutas escondendo-se atrás de um codinome, perdendo a única coisa que ainda lhes resta: a identidade.

ADRIANA, da Boite *Estrela*, na área do meretrício de Lages, dizia-me: "Na Pastoral eu uso o verdadeiro nome. Na zona, não. Deus me livre. Basta eu estar me sujando. Não quero sujar meu nome..."

Estas mulheres que têm que esconder sua identidade, são seres humanos como qualquer um de nós. São cidadãs que nunca podem exercer sua cidadania, a não ser na hora do voto, porque, no momento em que reivindicam algo, são discriminadas e marginalizadas.

Pelo fato de percebermos as mulheres prostituídas como cidadãs, nos propomos a uma organização e estrutura mínima em vista da sua conscientização, criando juntas um espaço para a obtenção de informações e apoio quanto a seus direitos; onde se sintam seguras para denunciarem os abusos e violências; onde possam perceber-se como seres humanos que possuem sentimentos e por conseguinte possuem dignidade; para que, enquanto cidadãs, não permitam que sejam humilhadas e constringidas pelas autoridades e a sociedade em geral; para que não permitam serem molestadas pela polícia sem terem cometido delito.

Entendemos que esta luta não é somente da PMM, mas sim da sociedade como um todo. Se quisermos, pois, reverter o quadro dos problemas sociais - meninos e meninas de rua, prostituição infantil, tráfico e escravidão de meninas e mulheres, tráfico e consumo de drogas, DSTs (= Doenças Sexualmente Transmissíveis), a violência desenfreada principalmente contra mulheres e crianças, certamente a sociedade civil, o Estado e as Igrejas devem unir-se para viabilizarem juntos uma solução.

COMEÇO DE UM NOVO TEMPO EM PARCERIA

Nós, como PMM, nos propomos, junto com os demais movimentos para a transformação, criar novos espaços. Estes movimentos para uma ordem social alternativa estão agora insinuando-se dentro das diferentes formações sociais, sem padrões definidos, mas firmemente arraigados nas lutas e no caráter do povo. Expressam não apenas a rejeição à sociedade presente, mas a necessidade de vislumbrar novas alternativas políticas.

Estes movimentos buscam uma profunda transformação social, uma ordem social qualitativamente mais humana, uma nova consciência. Os movimentos para a paz, os movimentos dos direitos humanos, os movimentos populares indígenas, os **movimentos de mulheres**, os movimentos ecológicos e verdes, todos estes são auto-determinados e autônomos, têm uma significação em si mesmos e em relação aos outros. Eles significam o começo de um novo tempo.

É no reconhecimento da relação com estes movimentos, que confrontam as estruturas de controle social, que a PMM fundamenta sua ação-organização junto às mulheres prostituídas.

UM NOVO OLHAR

Nem precisa ser humilde para Deus olhar para os(as) excluídos(as). Maria se coloca nesta perspectiva. Sem sentir-se merecedora da bondade de Deus, reconheceu o seu Amor e Predileção por ela, ao cantar: *"Ele olhou para a humilhação da sua serva"* (Lc 1,48a). E com plena certeza prosseguiu: *"Doravante todas as gerações hão de chamar-me de bendita"* (Lc 1,48b). Alguém clamou por direitos e percebeu-se atendida. Para sempre! *Por todas as gerações!*

*"O que é vil
e desprezível
no mundo,
Deus o
escolheu"*

As velhas categorias, os velhos conceitos tornaram-se insuficientes; são incapazes de apreender a violência dos tempos. Enquanto tratamos de estender os horizontes e

aprofundar o discurso dos direitos humanos das mulheres prostituídas, necessitamos também de uma nova geração de direitos humanos. Necessitamos mudar o paradigma que concebeu os direitos humanos como direitos dos poderosos, necessitamos escutar as vozes daqueles(as) que não compartilham desse poder.

Necessitamos ver essas violações através dos olhos das vítimas, vítimas do desenvolvimento, do progresso, dos apuros técnicos; através dos olhos daqueles(as) que têm estado afastados(as) dos privilégios e do poder no sistema; através dos olhos dos impotentes; através dos olhos daqueles(as) cujas culturas têm sido destruídas, cujos povos têm sido arruinados; através dos olhos daqueles(as) que têm estado nas margens; **através dos olhos das mulheres**. Porque todos eles(as) nos contarão **uma história diferente**, e o mundo necessita dessa outra história!

ESTAMOS VIVAS! SOMOS GENTE!

Finalmente, trago a fala de MARI SALETE, personagem real do livro *A história de Sally Gogu - Memórias de uma mulher da vida*. Ela nos lembra alguns responsáveis pelo fenômeno da exclusão. Confiantes que a **verdade liberta** (cf Jo 8,32), ouçamos:

"Somos excluídas por uma sociedade que cerra os olhos para não ver. Ensinam a seus filhos que não somos nada.

Que não se devem misturar conosco. Porém, hipocritamente, na calada da noite, como vampiros sedentos nos procuram, para suas fantasias sexuais. Aí mostram seus "verdadeiros" (?) eus, expandindo seu ego sobre nós, deleitando-se nos mais estranhos prazeres entre quatro paredes. Depois, vão embora. Uns saem rindo, achando que nos enganam. Realmente enganam. Mas não a nós, mas a si próprios, com seus falsos pudores. E ainda nos fazem sentir culpadas. E no outro dia, como se a noite anterior não fizesse parte de suas vidas, voltam a enganar e a repetir que nós não prestamos.

Prestamos sim, para sermos cúmplices entre as quatro paredes. Na hora do prazer sentem necessidade de se livrar de nós, para não lembrarem o que aconteceu. Então nos excluem. Mas não estamos mortas. Nem caladas. Estamos bem vivas, para relatar ao mundo que somos gente, somos as que suportam o que a sociedade despreza. Somos as prostitutas.

O que seria de nós se não existissem tais homens? Viveríamos sem a prostituição? Sem preconceitos? Sonho? Utopia? Ajudem-me a esclarecer!

Um dia destes andei até fazendo uma poesia. Quero partilhar com vocês:

A sombra disfarçada

*Após ter passado longos anos
na solitária escuridão da noite
onde a lua me encobria com seu gélido manto,
eu era, dentro da madrugada,
mais uma sombra disfarçada,
perdida no labirinto da vida,
sem achar uma saída.*

*Sei que não era maligna.
Também não era benigna.
Eu era apenas mais um ser
à procura do que fazer
para poder sobreviver.*

*Mas estava morrendo.
E morri para a noite,
quando uma luz me salvou.
Me agarrei nesta luzinha
com orgulho e fé,
orgulho da beleza da fé.*

*E, com forças desconhecidas,
renasci.
Era um lindo dia, brilhante,
e da noite me esqueci.*

*A noite é apenas um sonho que sonhei.
Nem me lembro direito da escuridão,
mas me lembro dos labirintos sem saídas.
E volto sempre aos labirintos,
a ver se encontro alguém perdido
na madrugada,
sem ter para onde ir,
sem saber o que fazer.*

Mari Salete FINGER

QUER JUNTAR-SE A NÓS?

Paulo, escrevendo aos cristãos de Corinto, lembrava: "Vede, irmãos, o vosso grupo de eleitos: não há entre vós muitos sábios, humanamente falando, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes; e o que é vil e desprezível no mundo, Deus o escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são" (1Cor 1,26-28).

As equipes da PMM de Santa Catarina e deste Brasil afora se identificam com a mensagem acima. Somos poucas(os), entre os milhares de mulheres, adolescentes e crianças prostituídas do país. Temos, porém, garra, fé, coragem e sobretudo esperança "de que Aquele que iniciou esta obra excelente lhe dará o acabamento" (Fl 1,6).

Tem lugar para você! E lhe garantimos: recebemos mais do que damos! Um amor gratuito, autêntico, incondicional. Reconhecemos e experimentamos **com elas, essas mulheres excluídas, nossas irmãs, a imensa força dos fracos.** Juntos(as), construímos um novo canto, uma nova história. Valeu a Campanha da Fraternidade! Veio para sempre!

(1) Nota da Redação

Nossa revista já tratou da PMM em seu número 7, dedicado às "Experiências Pastorais em Santa Catarina" (ENCONTROS TEOLÓGICOS 1989/2), p. 27-30, no artigo também de Ir. Olímpia GAIO: A Pastoral da Mulher Marginalizada em Lages - "Mulher dá vida".

Endereço da Autora:

a/c Secretaria Diocesano de Pastoral
caixa postal 20
88502-970 LAGES, SC

Fraternidade e Excluídos

Crianças e Adolescentes Excluídos

Neuza Mafra
Coordenadora Regional da Pastoral do Menor em SC
Coorden. Nacional da PdM na região Sul

"Anciãos e e anciãs ainda se sentarão nas praças, todos de bengala na mão, por causa da idade.
E as praças da cidade ficarão cheias de meninos e meninas a brincar pelas ruas" (Zc 8,4-5)

Costumamos dizer que um país que não ama suas crianças não merece viver. Que dizer, então, do nosso país, olhando para seu universo de crianças empobrecidas? A situação delas é fruto da rejeição de uma sociedade que não as ama e não as reconhece como filhos. Mas elas merecem

viver!

Esta é a utopia que anima a ação da igreja chamada "Pastoral do Menor", ver concretizada a profecia de Zacarias, acima lembrada: ... *anciãos e anciãs, a olhar os meninos e as meninas brincando nas praças da cidade!*

1. A CRIANÇA E O ADOLESCENTE EMPOBRECIDOS NO BRASIL E A ATUAÇÃO DA IGREJA - PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS (1)

A triste situação de crianças e adolescentes abandonados manifesta-se já nos primeiros decênios de nossa história, nos casos não raros das crianças estigmatizadas como *ilegítimas*, por serem fruto da violência sexual dos europeus sobre as mulheres indígenas e africanas. Como a maioria dessas crianças não eram reconhecidas como filhos, ficavam à mercê da própria capacidade de sobrevivência. Afinal recolhidas, iam crescendo como *ilegítimas* no meio dos engenhos, nas fazendas de cana de açúcar e de criação de gado.